

Banco Mundial pode antecipar crédito

VIVIAN OSWALD

BRASÍLIA – O Banco Mundial (Bird) pode antecipar os recursos reservados ao Brasil referentes à sua parte no acordo de ajuda financeira acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A participação do Bird no acordo é de US\$ 4,5 bilhões. O banco já autorizou US\$ 1 bilhão. As negociações para o desembolso dos US\$ 3,5 bilhões que ainda faltam ser aprovados pelo Bird foram adiantadas em quase dois meses, segundo o representante do banco no Brasil, Gobind Nankani, que esteve ontem no Ministério da Fazenda para discutir o assunto com o ministro interino, Pedro Parente.

Inicialmente, as negociações para a liberação do restante dos recursos começariam entre março e abril. No entanto, disse Nankani, como o governo brasileiro está acelerando a discussão das reformas, os trabalhos serão analisados daqui a duas semanas. Na semana passada, o Bird aprovou a liberação da primeira parcela de US\$ 1 bilhão para o Brasil, que só depende de aprovação do Senado para ser desembolsada.

Ao todo, o Brasil poderá contar com US\$ 2,5 bilhões ainda no primeiro trimestre deste ano, dependendo da agilidade do governo e do Senado. Isso porque a primeira parcela dos US\$ 3,4 bilhões que o Banco Interamericano de Desenvolvimento

(BID) deve emprestar ao país pode sair em fevereiro, se o governo encaminhar, até o próximo dia 20, o projeto para a utilização desses recursos para o BID. São mais US\$ 1,5 bilhão para dar fôlego ao país.

A previsão de Nankani é que a segunda parcela do empréstimo do Bird, que pode sair ainda este ano, seja de US\$ 1 bilhão. Segundo ele, os recursos externos são importantes que o país possa manter as suas taxas de juros básicas em níveis menos elevados. O empréstimo do Bird não exige contrapartida e deve ser utilizado para facilitar o ajuste fiscal. O cronograma de desembolsos deve acompanhar o das reformas que estão sendo implementadas.

■ Os economistas Fernando de Holanda e Carlos Thadeu de Freitas, do Ibmec, estão prevendo pressão inflacionária, mas, de uma só vez: os preços vão subir e se ajustar em novo patamar. Depois desse movimento, não haverá motivo para repetição das altas. O perigo inflacionário, eles acreditam, está afastado, já que não há indexação na economia. Thadeu e Holanda vêem impacto maior nos índices de atacado, que poderão bater em 20%. Os índices de preços ao consumidor deverão fechar em 10%, na avaliação dos economistas. “Os brasileiros vão migrar dos produtos importados para os similares nacionais”, afirma Thadeu.